



A PRIMEIRA APARIÇÃO DO DEMONIO A CHRISTOPH HAIZMANN

0,75

EDIÇÃO STANDARD BRASILEIRA
DAS OBRAS PSICOLÓGICAS COMPLETAS DE

SIGMUND FREUD

Com os Comentários e Notas de James Strachey
Em colaboração com
ANNA FREUD

Assistido por
ALIX STRACHEY e ALAN TYSON

VOLUME XIX
(1923-1925)

O EGO E O ID
e
OUTROS TRABALHOS

Traduzido ao Alemão e do Inglês sob a Direção-Geral
e Revisão Técnica de
JAYME SALOMÃO

Membro-Associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise do
Rio de Janeiro. Membro da Associação Psiquiátrica do Rio
de Janeiro. Membro da Sociedade de Psicoterapia Analítica
de Grupo do Rio de Janeiro.

Coordenação Editorial de
PEDRO PAULO DE SENA MADUREIRA

IMAGO EDITORA LTDA.
Rio de Janeiro

**BIBLIOTECA
DO IEPP**

O INCONSCIENTE DESCRITIVO E O INCONSCIENTE DINÂMICO

Uma particularidade curiosa surge de duas frases, ambas as quais aparecem na pág. 27. A atenção do Editor Inglês foi para ela chamada numa comunicação particular do Dr. Ernest Jones, que com a mesma se deparara no decurso do exame da correspondência de Freud.

Em 28 de outubro de 1923, poucos meses após este trabalho ter aparecido, Ferenczi escreveu a Freud nestes termos: '(...) Não obstante, aventurei-me a fazer-lhe uma pergunta (...) visto haver uma passagem em *O Ego e o Id* que, sem a sua solução, eu não entendo (...) Na pág. 13¹ encontro o seguinte: "(...) que, no sentido descritivo, há dois tipos de inconsciente, mas no sentido dinâmico apenas um." Desde que, contudo, o senhor escreve na pág. 12¹ que o inconsciente latente é inconsciente apenas descritivamente, não no sentido dinâmico, pensei ser exatamente a linha dinâmica de abordagem que exigia a hipótese de haverem dois tipos de *Ics.*, enquanto que a descrição toma conhecimento apenas do *Cs.* e do *Ics.*'

A isto, respondeu Freud em 30 de outubro de 1923: '(...) A sua pergunta sobre a passagem na pág. 13 de *O Ego e o Id* positivamente me horrorizou. O que lá aparece dá um sentido diretamente oposto à pág. 12, e, na frase da pág. 13, "descritivo" e "dinâmico" foram simplesmente transpostos.'

Uma pequena consideração deste surpreendente assunto sugere, contudo, que a crítica de Ferenczi baseou-se numa má compreensão e que Freud foi apressado demais em aceitá-la. As confusões que fundamentam as observações de Ferenczi não são muito facilmente classificadas e torna-se inevitável um argumento bastante prolongado. Porém, desde que outros

¹ [Da edição alemã. Ambas as frases acham-se aqui na pág. 25.]

além de Ferenczi podem incidir no mesmo erro, parece valer a pena tentar esclarecer o assunto.

Começaremos pela primeira metade da última frase de Freud: 'no sentido descritivo, há dois tipos de inconsciente.' O significado disso parece perfeitamente claro: o termo 'inconsciente', em seu sentido descritivo, abrange duas coisas: o inconsciente latente e o inconsciente reprimido. Freud, contudo, poderia ter expressado a idéia ainda mais claramente. Ao invés de 'dois tipos de inconsciente [zweiertelei Unbewusstes]', poderia ter dito, explicitamente, que, no sentido descritivo, há 'dois tipos de coisas que são inconscientes'. E, de fato, Ferenczi evidentemente compreendeu mal as palavras: tomou-as como dizendo que a expressão 'descritivamente inconsciente' tinha dois *significados* diferentes. Isso, como corretamente percebeu, não poderia ser assim: o termo inconsciente, utilizado descritivamente, só poderia ter um significado — o de que a coisa a que se aplicava não era consciente. Na terminologia lógica, pensou que Freud estava falando da *conotação* do termo, enquanto que este estava realmente falando de sua *denotação*.

Passemos agora à segunda metade da última frase de Freud: 'mas no sentido dinâmico [há] apenas um [tipo de inconsciente]'. Ainda aqui o significado parece perfeitamente claro: o termo 'inconsciente', em seu sentido dinâmico, abrange apenas uma coisa: o inconsciente reprimido. Isso, mais uma vez, constitui uma afirmação sobre a *denotação do termo*; e ainda que tivesse sido sobre sua *conotação*, seria verdadeira — o termo 'inconsciente dinâmico' só pode ter um significado. Ferenczi, contudo, contesta isso, alegando 'ser precisamente a linha dinâmica de abordagem que exigia a hipótese de haverem dois tipos de *Ics.*'. Mais uma vez estava compreendendo mal Freud. Pensou que ele estivesse dizendo que, se considerarmos o termo 'inconsciente' com fatores dinâmicos em mente vemos que ele possui apenas um significado — o que, naturalmente, teria sido o oposto de tudo o que Freud argumentava, enquanto que o que este queria dizer era que todas as coisas que são dinamicamente inconscientes (isto é, reprimidas) incidem numa só classe. — A posição fica um pouco mais confusa porque Ferenczi usa o símbolo '*Ics.*' para significar 'inconsciente' no sentido descritivo — lapso que o próprio Freud comete, por implicação, na pág. 30.

Assim, essa última frase de Freud parece inteiramente imune à crítica, em si própria. Mas será que ela é, como Ferenczi sugere e como o próprio Freud parece concordar, incompatível com a frase anterior? Essa frase fala do inconsciente latente com sendo 'inconsciente apenas descritivamente, não no sentido dinâmico'. Ferenczi parece ter pensado que isso contradizia a afirmação posterior de que, 'no sentido descritivo, há dois tipos de inconsciente'. Mas as duas afirmações não se contradizem: o fato de o inconsciente latente ser apenas descritivamente inconsciente não implica, de maneira alguma, que seja a única coisa descritivamente inconsciente.

Existe, em verdade, uma passagem na Conferência XXXI das *Novas Conferências Introdutórias*, de Freud, escrita cerca de dez anos mais tarde que o presente trabalho, em que a totalidade desse argumento é repetida em termos muito semelhantes. Nessa passagem, explica-se mais de uma vez que, no sentido descritivo, tanto o pré-consciente quanto o reprimido são inconscientes, mas que, no sentido dinâmico, o termo se restringe ao reprimido.

Deve-se indicar que esse intercâmbio de cartas efetuou-se apenas alguns dias após Freud ter sofrido uma operação extremamente séria. Ele ainda não se achava capaz de escrever (a sua resposta foi ditada) e provavelmente não se encontrava em condições de pesar completamente o argumento. Parece provável que, refletindo, tenha compreendido que a descoberta de Ferenczi fora um engano, pois a passagem nunca foi alterada nas edições posteriores do livro.

APENDICE B

O GRANDE RESERVATÓRIO DA LIBIDO

Há considerável dificuldade sobre este assunto, que é mencionado na nota de rodapé na pág. 44 e debatido em maior extensão na pág. 62.

A analogia parece ter feito seu primeiro aparecimento numa nova seção acrescentada à terceira edição dos *Três Ensaíes* (1905d), publicada em 1915, mas preparada por Freud no outono de 1914. A passagem diz o seguinte (Ed. *Standard Bras.*, Vol. VII, pág. 224, IMAGO Editora, 1972):

'Libido narcísica ou libido do ego parece ser o grande reservatório de onde são enviadas as catexias do objeto e para onde são novamente recolhidas; a catexia libidinal narcísica do ego é o estado de coisas original, realizado na primeira infância, sendo meramente abrangido pelas manifestações posteriores da libido, persistindo todavia, atrás delas, em seus elementos essenciais.'

A mesma noção, contudo, fora expressa anteriormente em outra analogia favorita de Freud, a qual aparece às vezes como alternativa e outras vezes lado a lado do 'grande reservatório'.¹ Essa passagem anterior encontra-se no artigo sobre o próprio narcisismo (1914c), escrito por Freud na primeira parte do mesmo ano de 1914 (Ed. *Standard Bras.*, Vol. XIV, pág. 91-92, IMAGO Editora, 1974): 'Assim, formamos a idéia de que há uma catexia libidinal original do ego, parte da qual é posteriormente transmitida a objetos, mas que fundamentalmente persiste e está relacionada com as catexias objetais, assim como o corpo de uma ameba está relacionado com os pseudópodos que produz.'

As duas analogias aparecem juntas num artigo semipopular escrito ao final de 1916 para um periódico húngaro ('A Diffi-

¹ Esta analogia já aparecera em forma rudimentar no terceiro ensaio de *Totem e Tabu*, que foi pela primeira vez publicado no começo de 1913. (Ed. *Standard Bras.*, Vol. XIII, pág. 112, IMAGO Editora, 1974.)

culty in the Path of Psycho-Analysis', 1917a, *Standard Ed.*, 17, 139): 'O ego é um grande reservatório, do qual flui a libido que se destina aos objetos e para o qual ela flui de volta desses objetos (...) Como ilustração deste estado de coisas, podemos pensar numa ameba, cuja substância viscosa emite pseudópodos (...)'

A ameba aparece mais uma vez na Conferência XXVI das *Conferências Introdutórias* (1916-17), que datam de 1917, e o reservatório em *Beyond the Pleasure Principle* (1920g), *Standard Ed.*, 18, 51: 'A psicanálise (...) chegou à conclusão de que o ego é o verdadeiro e original reservatório da libido, e que somente desse reservatório é que a libido se estende aos objetos.'

Freud incluiu uma passagem muito semelhante num artigo de enciclopédia que redigiu no verão de 1922 (1923a, *Standard Ed.*, 18, 257), e então, quase imediatamente após, veio o anúncio do id, e o que se parece com uma correção drástica das afirmações anteriores: 'Agora que fizemos distinção entre o ego e o id, temos de identificar este último como o grande reservatório de libido (...)'. E ainda: 'Bem no início, toda a libido está acumulada no id, enquanto que o ego ainda se acha em processo de formação ou ainda é fraco. O id envia parte desta libido para catexias objetais eróticas; em consequência, o ego, agora tornado forte, tenta apoderar-se dessa libido do objeto e impor-se ao id como objeto amoroso. O narcisismo do ego é, assim, um narcisismo secundário, que foi retirado dos objetos.' (Págs. 42 n. e 60.)

Esta nova posição parece claramente inteligível, e, portanto, é um pouco perturbador depararmos-nos com a seguinte frase, escrita apenas um ano, pouco mais ou menos, após *O Ego e o Id*, no *Autobiographical Study* (1925d [1924]), *Standard Ed.*, 20, 56: 'Durante toda a vida do indivíduo, seu ego permanece sendo o grande reservatório de sua libido, do qual as catexias do objeto são enviadas e para o qual a libido pode correr novamente de volta dos objetos.'¹

A frase, é verdade, ocorre no decurso de um esboço histórico do desenvolvimento da teoria psicanalítica, mas não há

¹ Afirmação quase idêntica é efetuada na Conferência XXXIII das *Novas Conferências Introdutórias* (1933a).

indicação da mudança de opinião anunciada em *O Ego e o Id*. E, finalmente, encontramos esta passagem num dos últimos trabalhos de Freud, no Capítulo II do *Esboço de Psicanálise* (1940a), escrito em 1938: 'É difícil dizer algo do comportamento da libido no id e no superego. Tudo o que sabemos sobre ele relaciona-se com o ego, no qual, a princípio, toda a cota disponível de libido é armazenada. Chamamos a este estado absoluto de *narcisismo primário*. Ele perdura até o ego começar a catexizar as idéias dos objetos com a libido, a transformar a libido narcísica em libido objetal. Durante toda a vida o ego permanece sendo o grande reservatório, do qual as catexias libidinais são enviadas aos objetos e para a qual elas são também mais uma vez recolhidas, exatamente como uma ameiba se conduz com os seus pseudópodos.' (Ed. *Standard Bras.*, Vol. XXIII, pág. 176, IMAGO Editora, 1975.)

Indicariam essas passagens posteriores que Freud retratou-se das opiniões que expressou no presente trabalho? Parece difícil de acreditar, e há dois pontos que podem ajudar no sentido de uma reconciliação das opiniões aparentemente conflitantes. O primeiro é muito pequeno. A analogia do 'reservatório' é, por sua própria natureza, ambígua: um reservatório pode ser encarado como um tanque de armazenamento de água ou como uma fonte de suprimento de água. Não há grande dificuldade em aplicar a imagem em ambos os sentidos tanto ao ego quanto ao id, e teria certamente esclarecido as diversas passagens em que foi citada — em particular a nota de rodapé da pág. 44 — se Freud tivesse mostrado mais exatamente que representação se achava em sua mente.

O segundo ponto é de importância maior. Nas *Novas Conferências Introdutórias*, apenas algumas páginas após a passagem mencionada na nota de rodapé acima, no decorrer de um estudo do masoquismo, Freud escreve: 'Se é verdade que o instinto destrutivo assim como o ego — mas o que temos aqui em mente é antes o id, a pessoa integral — inclui originalmente todos os impulsos instintuais (...)' A frase entre travessões aponta, naturalmente, para um estado primitivo de coisas, no qual o id e o ego ainda são indiferenciados.¹ E há uma obser-

¹ Isto, naturalmente, é uma concepção conhecida de Freud.

vação semelhante, mas mais definida, no *Esboço*, desta vez dois parágrafos antes da passagem já citada: 'Podemos imaginar um estado inicial como sendo o estado em que a energia total disponível de Eros, a qual, doravante, mencionaremos como "libido", acha-se presente no ego-id ainda indiferenciado (...)' Se tomarmos isto como sendo a verdadeira essência da teoria de Freud, a contradição aparente de sua expressão é diminuída. Este 'ego-id' foi originalmente o 'grande reservatório da libido', no sentido de ser um tanque de armazenamento. Após a diferenciação ter ocorrido, o id continuaria como tanque de armazenamento, mas, quando começou a enviar catexias (quer para objetos quer para o ego agora diferenciado), ele seria, além disso, uma fonte de suprimento. Mas o mesmo também seria verdadeiro quanto ao ego, pois este seria um tanque de armazenamento da libido narcísica bem como, segundo um dos pontos de vista, uma fonte de suprimento para as catexias objetais.

Este último ponto nos conduz, todavia, a uma nova questão, segundo a qual parece inevitável supor que Freud sustentou opiniões diferentes em ocasiões diferentes. Em *O Ego e o Id* (pág. 60), 'bem no início, toda a libido está acumulada no id'; depois, 'o id envia parte desta libido para catexias objetais eróticas', as quais o ego tenta controlar impondo-se ao id como objeto amoroso: 'o narcisismo do ego, assim, é um narcisismo secundário.' No *Esboço*, porém, 'a princípio, toda a cota disponível de libido é armazenada no ego', 'chamamos a este estado absoluto de narcisismo primário', e 'ele perdura até o ego começar a catexizar as idéias dos objetos com a libido'. Dois processos diferentes parecem ser considerados nestas duas descrições. No primeiro, imagina-se as catexias objetais originais como saindo diretamente do id e só chegando ao ego indiretamente; no segundo, a totalidade da libido é imaginada como indo do id para o ego e só chegando aos objetos indiretamente. Os dois processos não parecem incompatíveis e é possível que ambos possam ocorrer; sobre esta questão, contudo, Freud silencia.